

# FRANCISCO J.C. DANTAS E A CONDIÇÃO DRAMÁTICA DO NORDESTINO

## FRANCISCO J. C. DANTAS AND THE DRAMATIC CONDITION OF THE NORTHEASTERN PEOPLE

Fabiana Francisco Tibério<sup>1</sup>

**RESUMO:** Francisco J. C. Dantas é o romancista sergipano tido como o responsável por ressuscitar o regionalismo no cenário literário brasileiro. Seus romances deixam entrever narradores que enxergam o mundo sempre pelo viés da amargura e da desesperança. É patente nos personagens o pessimismo e o desencantamento. Este trabalho tem por objetivo apresentar a condição dramática do nordestino presente em Francisco J. C. Dantas. Para tanto, serão analisados os narradores dos dois romances iniciais do autor: *Coivara da Memória* e *Os desvalidos*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Francisco J. C. Dantas, narradores, desencantamento.

**ABSTRACT:** Francisco J. C. Dantas, a novelist from Sergipe in Brazil, is seen as the responsible for resurrecting the regionalism in the Brazilian literary scenery. His novels glimpse narrators who see the world always by the bias of bitterness and hopelessness. It is evident in the characters the pessimism and disenchantment. This work aims to present the dramatic condition of the northeastern people alive in Francisco J. C. Dantas. Therefore, it will be analyzed the narrators of both author's first novels: *Coivara da Memória* and *Os Desvalidos*.

**KEYWORDS:** Francisco J. C. Dantas, narrators, disenchantment.

### INTRODUÇÃO

Francisco J. C. Dantas é um escritor se declara comprometido com a sua terra e a sua gente. Segundo Antônio Donizeti Pires, Dantas “aplica-se a escutar e a perscrutar, através de sofisticada técnica narrativa, a gente simples do interior de Sergipe e seus valores, suas tradições, seus hábitos linguísticos, sua dimensão humana.” (PIRES, 2005, p. 63) Em seu estudo sobre *Coivara da Memória*, Pires afirma que o romance de Dantas se aproxima dos de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos porque se realiza como obra literária e não como documento sociológico ou antropológico, o que não significa que o romancista sergipano ignore as questões sociais, econômicas e culturais que permeiam a vida do homem do interior. Isso nos lembra de um comentário de Antônio Candido, que certa feita chamou a atenção para o quanto a literatura brasileira é empenhada, ou seja, comprometida com valores que vão além da questão estética. É inquestionável que Dantas demonstra uma preocupação com a sua região e com os problemas enfrentados por ela. Em entrevista concedida, o sergipano disse crer que “a literatura pode perfilar

---

1 Mestre em Letras – Universidade Estadual de Londrina – fabianatiberio@hotmail.com

ao lado das minorias” (DANTAS apud ARAÚJO, 1997, p. 10), concepção que pode explicar o grande número de personagens desvalidos que povoam seus romances.

O autor procura trazer à tona um pedaço do Brasil que na maioria das vezes só é lembrado ou pelas secas que castigam a região, ou pela pobreza da população. Dantas declara sentir necessidade de representar de maneira mais fiel esse espaço, sendo esta uma de suas razões para escrever: tentar dar visibilidade a esse “mundo que ninguém vê ou que ninguém viu no passado, para tentar iluminar um pouco o sentido disso, que nunca foi posto em pauta.” (DANTAS apud SACRAMENTO, 2004, p. 11) Desse desejo advém uma das características mais presentes em suas obras: um realismo amargurado, um sentimento de opressão. Francisco Dantas “não faz concessões à idealização idílica”, sobressaindo em sua obra o conjunto de “relações sociais violentas e injustas que reduz todas as personagens a vítimas, de um modo ou de outro sacrificadas à rispidez assassina do sistema econômico e cultural.” (LAFETÁ, 2004, p. 537)

É interessante notar que, embora busque fazer uma literatura comprometida com os problemas regionais e defenda a necessidade de uma representação mais fiel da zona rural e das pequenas localidades do interior nordestino, o autor opta por deslocar suas narrativas para o passado, em um movimento que, em princípio, faz com que o espaço representado na maioria de suas obras não seja propriamente aquele que o autor vivencia e ao qual procura dar visibilidade, mas sim um espaço sobre o qual ele se debruça apoiado em fontes históricas e principalmente literárias, haja vista a revisitação que empreende ao romance de 30. O deslocamento temporal, marca registrada em sua produção, permite-lhe explorar temáticas que atualmente não fariam mais sentido, como as transformações ocorridas com a modernização do interior nordestino e a conseqüente derrocada dos engenhos de açúcar, a condição feminina na sociedade patriarcal, a ausência da lei e da justiça no sertão e os conflitos entre o Estado e o cangaço. Perguntamo-nos então: estaria o autor Francisco Dantas, assim como seus personagens, procurando mergulhar no passado a fim de encontrar um significado para o presente? Esse retorno no tempo seria motivado apenas devido à forte influência literária exercida pelos mestres ou intencionaria mostrar que em pleno século XXI a configuração da região nordestina brasileira mudou tão pouco, mesmo com o alarde da apregoada modernização, a ponto de levar o escritor a colocar novamente em pauta os mesmos problemas explorados pelos romancistas de 30? Com base em declarações do próprio Dantas, é possível alcançar sua percepção acerca de sua região e da situação do homem nordestino:

Nós, escritores do Nordeste, geralmente não contamos com as ferramentas de aprimoramento cultural que favorecem o estudo e a criatividade. Faltam-nos Universidades bem aparelhadas, instituições que promovam estudos especializados; falta-nos o convívio ou a proximidade com os grandes expoentes da cultura, museus e bibliotecas de alguma projeção; faltam-nos instituições que promovam formação especializada. Assim sendo, aqueles que, entre nós, insistem em aprender, que pretendem atingir um patamar mais elevado, se veem diante de uma encruzilhada: ou partem para aperfeiçoar os seus estudos e perseguir a sua vocação num meio cultural mais promissor, ou têm de se fazer autodidatas, condenados a uma formação inadequada que terá como consequência uma produção olhada com desconfiança e voltada ao anonimato. O insulamento involuntário dificulta a nossa visibilidade fora da região onde atuamos. Essa nossa condição contém algo de dramático. (DANTAS, 2009, p. 07)

A longa citação se justifica, pois nela o autor não só se coloca, revelando os percalços de seu percurso enquanto escritor, mas principalmente manifesta uma opinião muito contundente acerca de sua região. As declarações acima datam de 2009. Diferentemente dos espaços construídos em sua ficção, o Nordeste de que Dantas trata nesse texto é o Nordeste “de hoje”, descrito por alguém que, já tendo percorrido outras paragens, tem possibilidade de olhar para esse espaço com mais objetividade, enxergando nele inúmeras limitações culturais. Fica evidente no excerto que, no entendimento de Dantas, o escritor nordestino, mesmo que intente falar de sua terra e de sua gente, precisa “aperfeiçoar seus estudos e perseguir sua vocação num meio cultural mais elevado”, pois só o contato com esse meio cultural onde habitam os “grandes expoentes da cultura” pode dar aos filhos da terra uma chance de ter sua produção olhada com bons olhos. As declarações de Dantas ainda evidenciam a ideia da necessidade de que para sair do anonimato o escritor nordestino necessite de um aprimoramento cultural. Segundo Dantas, o aprimoramento só ocorre quando o escritor deixa sua própria (e pobre) cultura, a fim de buscar na cultura “de fora” aquilo que sua região não tem a lhe oferecer. Algumas questões se colocam então: primeiramente, o desejo de reconhecimento que o autor expressa, e que deve ser um reconhecimento que vá além das fronteiras de sua região, o que nos permite pensar em para quem esse autor escreve, ou seja, em por quem espera ser reconhecido; segundo, o distanciamento que se estabelece entre o autor, que se pronuncia um tradutor de sua terra e de sua gente, e sua região, quando, ao ansiar pelo contato com a cultura erudita (expressa em sua declaração pela menção às universidades, bibliotecas e museus), não nos deixa perceber uma aproximação da riquíssima cultura de sua região. O depoimento revela um sujeito

cuja identidade se encontra cindida entre sua condição de homem da terra, profundamente ligado ao seu chão, e um sentimento de inadaptação a essa mesma terra, evidenciado tanto pela visão negativa que ele atribui à região quanto pelo desejo de ir além de suas fronteiras regionais e culturais por meio da escrita.

Ao investigarmos a biografia do autor, veremos que seu percurso enquanto escritor revela algo dessa “condição dramática do nordestino” da qual ele se queixa. Antes de sentir-se pronto para tentar a publicação do primeiro romance, Dantas sentiu necessidade de estabelecer contato com a cultura erudita e buscar aprimoramento longe de sua região, tanto que passou pelo crivo acadêmico, defendendo tese de doutoramento em uma universidade “bem aparelhada”, a Universidade de São Paulo (USP), para só então dar o primeiro passo enquanto romancista. Sua estreia tardia, já aos cinquenta anos, deveu-se, segundo ele, a um “sentimento de dignidade diante da literatura”, pois só nesse momento ele se sentiu em “condições de passar à confraria rarefeita dos romancistas. E olhe lá! Não muito confiadamente.” (DANTAS apud CHIOSSI, 2010, p. 81) A confiança já abalada do autor deve ter sofrido um duro golpe diante da recusa das editoras Brasiliense e José Olympio em publicar *Coivara da Memória*. Somente com a indicação de Raduan Nassar e José Paulo Paes, Dantas conseguiria publicar o romance pela Estação Liberdade, uma editora menos conhecida à época. É bem verdade que a boa recepção de *Coivara da Memória* garantiu-lhe uma abertura nos caminhos: tanto *Os Desvalidos* quanto *Cartilha do Silêncio* saíram pela Companhia das Letras, de modo que Dantas parece ter conseguido sair do “insulamento involuntário” da região nordestina, obtendo seu espaço no meio cultural letrado.

A vida acadêmica também proporcionou ao sergipano entrar em contato com outros meios culturais. Após a conclusão do curso de doutorado, Francisco Dantas retornou ao Sergipe, onde exerceu a função de professor universitário até aposentar-se. Antes disso, porém, alargou ainda mais suas fronteiras ao ir para os Estados Unidos, lecionar a disciplina de Literatura Brasileira na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Entretanto, embora o ofício de escritor e professor tenham afastado o romancista de suas origens, ele sempre retornou ao interior sergipano, onde escolheu morar, em meio a bichos e livros. O contato com outras culturas, seja pelas vivências na universidade, seja pelas viagens relacionadas ao trabalho de professor, tudo isso pode ser apreendido na forma como o autor conduz suas narrativas. São elementos que, como veremos, fazem parte da cosmovisão percebida em seus romances. Por ora, parece válido afirmar que, para Dantas, muitos dos problemas enfrentados pelas gerações anteriores ainda estão

presentes no interior nordestino, como o descaso do governo com a região, a miséria, a ausência de justiça, a condição silenciada da mulher, entre outros.

Os narradores, como veremos, são sujeitos profundamente ligados às suas origens e à região em que vivem, tal qual o escritor. Entretanto, essa ligação na maioria das vezes não é harmoniosa, pois todos eles vivem em conflito consigo e com os outros. O conflito, aliás, marca a relação dos narradores também com o espaço que os rodeia. Eles compartilham da visão do escritor ao enxergar as localidades onde vivem somente como lugares extremamente miseráveis, habitados por gente inculta, destinada a esfalfar-se no trabalho pesado e a resignar-se diante de uma vida esvaziada de sentido. Quando questionado acerca dos espaços que cria em sua ficção, o autor afirmou o quanto o seu sertão difere, por exemplo, do sertão-mundo criado por Guimarães Rosa, uma vez que o sertão de Rosa é feliz e colorido, em contraposição ao seu, pessimista, seco.

Rio-das-Paridas, espaço reincidente nos romances já publicados pelo autor, é uma cidadezinha fictícia no interior sergipano, onde habita, por exemplo, o narrador de *Coivara da Memória*. É também o espaço onde vive Coriolano, narrador de *Os desvalidos*. Ela também está presente nos três outros romances do autor. É sempre descrita como um lugar atrasado e feio, “terrinha sem novidades”. (DANTAS, 1991, p. 205) Essas características contaminam os moradores da região, que são descritos como uma gente desvalida, rude, subserviente, desesperançada. A infecundidade da terra confunde-se à secura das vidas: “De nada adiantava regar outra lavoura inexistente. Sem o regalo de uma ocupação (inútil) para matar o tempo e espantar as obrigações mais ordinárias, eles desesperavam: iam para o trabalho... descansavam... tornavam a trabalhar de novo...” (CDM, p. 76) Para o narrador, os moradores da região se convertem em “gente comida de ferrugem que devia ranger mas nunca palpitar...” (CDM, p. 72)<sup>2</sup>

Em contraposição ao povo desalentado, os textos também tratam dos grupos detentores do poder: donos de terras e representantes da justiça. O narrador faz questão de frisar o quanto a gatinha ingênua se deixa levar pelo discurso falacioso de juízes e promotores que se vendem até por galinhas gordas. Nesse contexto, o governo é uma ideia vaga para os habitantes do pequeno município. A dominação exercida pelos coronéis submete o povo ao silêncio. Em *Coivara*, um dos personagens, ligado à família

---

2 A partir daqui as citações retiradas do romance *Coivara da Memória* serão sinalizadas pela sigla CDM, seguida do número de página. As citações referem-se à edição de 1991.

do dono do engenho Murituba, ousando enfrentar os poderosos da região, passa a denunciar a compra de votos e a discursar contra a opressão a que se submete. Os comentários logo surgem: “Só tem assim esses rompantes, mode que é da fãmia do homem; falasse eu... não tinha a idade de hoje, pelos tempos que não comia pirão.” (CDM, p. 264) Entretanto, ultrapassar as fronteiras do silenciamento é erro grave e o moço paga seu palavrório com a vida: é atocaiado e assassinado pelos capangas do coronel. O povo da cidade se cala diante do fato, mesmo tendo conhecimento da autoria do crime. Todos têm medo de represálias, uma vez que ali impera a lei da faca, a violência e a vingança rondando a pequena cidade e suas adjacências, contribuindo para o desamparo dos personagens. É nesse contexto que se incluem os narradores de Dantas: homens também silenciados e que, rebelados contra tudo e contra todos, buscam na *escrita* uma maneira de externar suas rebeldias e (des)esperanças.

#### *COIVARA DA MEMÓRIA E OS DESVALIDOS: O DRAMA DOS NARRADORES*

*Coivara da Memória* é um romance que revela muito do projeto literário de Francisco Dantas, pois constitui uma tentativa do escritor em criar uma poética fincada ao seu chão. O texto é baseado nas memórias de um escrivão de justiça que, acusado de um crime, busca recuperar seu passado de menino de engenho, enquanto espera julgamento, preso no cartório do pequeno povoado de Rio-das-Paridas. A busca pelo tempo perdido é também a busca do narrador para encontrar seu lugar no mundo. O próprio título demonstra isso, dada a escolha da palavra *coivara*, um termo que, no Nordeste,

se consagra como uma técnica utilizada por lavradores para preparar a terra e que se baseia na queima da roça a que se lançou fogo. Pedras são agrupadas em volta do terreno, formando, com elas, um contorno quadrático ou circular para que o fogo não ultrapasse essa área do terreno. A partir dessa composição é feita a queima do que é excesso no chão. Acredita-se, entre os lavradores, que com essa prática o solo se renovará para fazer vingar as novas sementes. (OLIVEIRA, 2004, p. 04)

Há, entretanto, um segundo significado que pode ser atribuído ao termo. Se o narrador realiza uma “coivara da memória” no âmbito da narrativa, o texto é também espaço onde o autor Francisco Dantas reúne suas muitas referências literárias, colocando no mesmo quadrado-livro as vozes da tradição e também as inovações

linguísticas e formais que se apresentam ao escritor contemporâneo, a fim de que elas se transformem na substância capaz de fortalecer o solo onde vicejará sua obra literária.

Em *Coivara da Memória*, a narrativa se constrói sobre dois espaços distintos, profundamente entrelaçados ao tempo. Temos o espaço ligado ao tempo presente: um espaço limitado, o quadrado de pedras onde o narrador está preso, lugar onde “lampadejam réstias e murmúrios, avencas e urtigas” (CDM, p. 15). É neste espaço de opostos, de onde brotam as vozes do passado, que o narrador permanecerá fisicamente durante toda a narrativa. Encafuado nesse cômodo há mais de um ano, ele se sente cada vez mais “bambo das pernas e zozno da cabeça” (CDM, p. 17), ou seja, sua condição de prisioneiro, aliada à sua descrença na justiça local, faz com que ele vá pouco a pouco perdendo sua força física e sua sanidade mental. O isolamento leva-o a recordar o passado, como única maneira de não enlouquecer de vez: “Sob o abraço demorado destas paredes de barro e pedra fechadas sobre meu destino, o único consolo que me sobra é a espetada de lembranças onde me afundo, desentranhada das vísceras dos antepassados que ficaram grudadas nos olhos do menino.”(CDM, p. 17)

Assim, o narrador passa a nos oferecer trechos de sua infância de menino de engenho. Ele começa a percorrer os desvãos da memória e suas visitas ao passado permitem seu deslocamento a um espaço que se constrói pela memória e pela imaginação, em busca do tempo perdido. Benedito Nunes, na apresentação da obra, aponta para o caráter proustiano do romance. De fato, o tabelião-narrador se debate procurando reconstruir o passado, até perceber que na realidade o passado não pode ser recuperado, pois o tempo também agiu sobre ele e suas reminiscências o levarão a enxergar não só as pessoas e os fatos de maneira diferente, mas também a ver a si mesmo em sua precariedade e finitude. O exercício de rememoração passa a ser então não só uma maneira de conseguir alento, mas também uma forma de encontrar a si mesmo.

Uma velha paineira, também chamada de barriguda, é o primeiro elemento desse cenário que o narrador vai rememorando. A lembrança da velha árvore tem o poder de aliviá-lo de suas angústias. A sensação de estar de volta à sombra da barriguda é tão intensa que espaço e tempo se misturam:

Pendurado na teia de seu fascínio, que se cruza e recruza na minha memória, aperto os olhos para esquecer estas paredes onde me trancafiaram e, sovertido não importa em quê, me transporto menino enfeitado para a sua sombra, a esta hora, toda furada pelas réstias

oblíquas do sol já derreado. Sob o jugo encantatório de sua aragem o aquele vira este, o antes é agora, o pretérito caminha para o presente... (CDM, p. 21)

A barriguda, além de indicar a entrada para este mundo do passado, simboliza a profunda ligação existente entre o narrador e o engenho, terra que o viu nascer. Sob a árvore estavam enterrados o umbigo e o primeiro dente de leite, e ele confessa que, ali pendurado em seus galhos, o mundo lhe parecia mais inteiro e ordenado. Mas a memória é traiçoeira. Mesmo tentando permanecer nesse mundo perdido no tempo, o presente o chama de volta à realidade. O passado, reconstruído pela memória, se mostra enganoso. Ele deseja rememorar a infância feliz e segura que tivera sob os cuidados dos avós. No entanto, ao tentar reconstituir esses momentos, a visão do homem se interpõe à do menino, e os elementos que compunham o cenário da infância perfeita e que constituíam a identidade do narrador vão se ajustando a novas proporções. A velha paineira à entrada do engenho, por exemplo, perde um pouco do encanto que possuía aos olhos infantis. Aos olhos do homem de agora, a árvore aparece reduzida apenas ao essencial: “Só agora vejo que esta barriguda, na sua austeridade sem atavios, tem mais de pé-de-pau do que propriamente de árvore” (CDM, p. 23). O passado não pode ser revivido, pois muito mais que a paisagem, ele já não é mais o mesmo:

Pego a me dar conta de que de algum modo se agrava o travo de angústia que me puxou até aqui: ou esta barriguda começa a desmerecer o antigo halo que sabia a fecundo abrigo e que me tornava menos atordoado, agora envelhecida nos seus poderes, ou meu ânimo tanto se tem enfraquecido que começa a ficar rebelde ao consolo de outros tempos. (CDM, p. 30)

Assim como a barriguda, os espaços da fazenda e da pequena localidade onde o narrador vive agora também se transformam com o tempo. O romance traz um capítulo dedicado exclusivamente a contar a história da fundação do pequeno povoado que daria origem à cidadezinha onde o narrador está preso: Rio-das-Paridas. O texto faz referência à oralidade como uma das bases que sustentavam a identidade daquela localidade. Segundo o narrador, Rio-das-Paridas nasceu da vontade e do poder do português Costa Lisboa, que resolvera estabelecer-se por ali na época da colonização. Porém, com o desaparecimento de Costa Lisboa, “aquele povoadozinho de então passou a ir se ajeitando com o que restou de seu espólio moral, de suas lendas...” (CDM, p. 79) De acordo com o texto, essa herança baseada na oralidade garantia uma identidade ao

povoado:

E quando num longo decurso, essa herança foi pouco a pouco enfraquecendo e se diluindo, coagida pelo prestígio de novas forças e interesses contrários que despontavam – o arruado já virando cidadezinha acompanhou essa descaída paralelamente, se deixando amolecer e descaracterizar, de timão desgovernado. Hoje... já ninguém reconhece nisto aqui aquela antiga e escarpada identidade! (CDM, p. 79-80)

O narrador chega a relatar por alto algumas histórias que teria ouvido da boca do povo: “Reza a boca do povo que nesse tempo já olvidado, quando a moeda por aqui tão raramente surgia nas mãos rudes e logo desaparecia a ponto de muita gente não conhecer dinheiro – essas primeiras transações ocorreram sob a copa de um jenipapeiro soberbo...” (CDM, p. 80). Esse narrador único, ao falar das pessoas da comunidade e ao retomar histórias que teriam dado origem ao município, procura fazê-lo com o objetivo de analisar as relações de poder existentes entre aqueles que se impuseram como os mandatários do lugar (o colonizador português e a igreja católica, representados por Costa Lisboa e pelo padre) e a população, à qual sempre se refere com desprezo, descrevendo-a como um “povinho meio cordeiro, predisposto a fanatismos de credice e beataria.” (CDM, p. 82) Ao narrar o que ia pela boca do povo, o narrador faz questão de colocar-se em uma posição analítica, revelando seu distanciamento daquela comunidade narrativa, de suas crenças e valores. Ligado aos Costa Lisboa pelo sangue dos avôs maternos, o escrivão nega também sua herança familiar:

Tenho pelejado para me libertar da falsa moral e dos hábitos seculares que me foram legados por essa gente, embutindo na minha cabeça de menino a sabedoria de seus provérbios passados de boca em boca, e que nada mais eram senão engenhos tendenciosos, urdidos para resguardar os graúdos da família para que eles não se desgarrassem nem perdessem os privilégios, e continuassem a procriar, rezar e engabelar os bestas, sempre voltados para a chama de seus cabedais. (CDM, p. 90)

Traz satisfação a ele reconhecer o quanto é diferente dessa “gente rotineira”, embora, paradoxalmente, essa gente seja em muitos momentos lembrada com afeto. A narração do passado oscila entre um tom nostalgia e crítica. Ao retomar o avô, por exemplo, a figura que o narrador nos oferece é a do mítico senhor de engenho, autoridade suprema no largo território que se estendia até onde a vista não mais alcançava, cujas ordens ninguém ousava sequer questionar. Para o menino, esse avô era

o exemplo de homem a ser imitado. No entanto, ao recordá-lo e ao tentar reconstruir criticamente a situação do coronel, o narrador confessa: “a reputação tão decente desse meu avô, e por tanto tempo falada... já não me exalta ou desvanece como antigamente...” (CDM, p. 106) e suas qualidades “já não realçam como de primeiro... sua lendária grandeza se encolhe e se apequena... a plenitude do mito se decompõe...” (CDM, p. 108). Essas constatações colaboram para a aflição que o consome. Isso ocorre porque estão no passado as bases que sustentavam sua identidade, as quais vão desmoronando à medida em que ele percebe que o mundo de outrora é tão injusto quanto o de agora. Enquanto criança, neto de proprietário de terras, ele não tinha necessidade nem maturidade para compreender a organização social.

*Coivara da Memória* trata da vida desse homem que, proveniente de uma classe social elevada, vivia no interior até ser separado da família e ser mandado para um internato na capital do estado. Ao retornar, já adulto, ele se vê sem posses, deserdado, e conhece então o “outro lado da moeda”: obriga-se a aceitar um trabalho enfadonho e é desprezado enquanto observa os desmandos das autoridades e das pessoas da classe privilegiada em contraposição ao silêncio e à subordinação das pessoas do povo.

Embora o narrador esteja no grupo dos desfavorecidos (considerando o presente da narrativa), não é com eles que ele se identifica, embora também não se identifique com os mandatários da região. Na verdade, trata-se de um sujeito que não se sente parte daquela região. E, se as pessoas humildes do município a seu ver são “gente muito rude e muito tola” (CDM, p. 80), mesmo os avós não escapam de seu desprezo, uma vez que também são tidos como incultos, e o narrador por vezes destaca suas inúmeras desinteligências.

Cabe pensar de onde vem todo esse sentimento de inadaptação revelado pelo narrador. Arriscamos dizer que ele se origina dos contatos que o personagem estabeleceu quando deixou o ambiente interiorano e foi para o colégio interno em Aracaju. Sem dúvida, foi esse afastamento forçado que lhe permitiu, ao voltar à sua terra após muitos anos, enxergar aquele espaço e aquelas pessoas de uma maneira diferente. A educação formal recebida na escola, o gosto pela leitura e a convivência com pessoas que possuíam outra cultura fizeram com que ele se sentisse diferente dos moradores de Rio-das-Paridas: “fico abobado de constatar o tanto que mudei por imperativo do trato com outras pessoas, e das transformações que o tempo opera por dentro da gente, às vezes até invertendo valores e perspectivas que ele próprio subtrai e acrescenta voluntariosamente...” (CDM, p. 87) Leitor de filosofia e paparicador de

livros, o narrador se sente estrangeiro naquela terra de gente inculta. Chega mesmo a ter na parede do cartório a reprodução de uma obra de Chagall, imagem que permite a ele fugir momentaneamente da dureza daquela vida:

Para diluir um pouco a secura e retemperar esta atmosfera pesada onde me sinto estrangeiro, é que trago a reprodução deste lírico Chagall, aqui dependurada do esteio caiado onde se encosta esta escrivania. É apenas uma pequena estampa retangular que não mede mais de um palmo por meio, mas onde cores e pinceladas se harmonizam e se condensam a exaltar o braseiro das paixões que correm... (CDM, p. 72)

A gravura, deflagrada em cores, contrasta com o cenário cinzento que o abriga. É interessante ressaltar a escolha de Marc Chagall, um artista com tendências modernistas, o que remete este narrador para fora da cultura local, explicitando gostos adquiridos em outro âmbito cultural. Porém, paradoxalmente, é na cidadezinha atrasada que ele escolhe viver e, mesmo demonstrando desprezo por aquele espaço e pelo estilo de vida das pessoas que o habitam, são as dores dessas pessoas que ele procura compreender e é a miséria dessa terra que ele se dispõe a denunciar. Essa mesma dualidade foi percebida por Andrade, para quem

o narrador de *Coivara da Memória* é um sujeito de uma personalidade multifacetada e portador de uma cultura multiforme, na medida em que é através da própria memória e da queima desta – já que o termo coivara significa originalmente grande fogueira – que o próprio narrador recupera todo um mundo esmaecido de valores sócio-populares, nos quais ele se reconhece e dos quais, paradoxalmente, ele se afasta. (ANDRADE, 2008, p. 6)

A junção dos elementos citados acima, desde a inadaptação do narrador à cultura da região até o gosto pela literatura e pela arte modernista, faz dele um sujeito diferente daqueles que protagonizam o romance regionalista romântico ou da geração de 30. Certamente ele se aparenta ao rude Paulo Honório ou ao inculto Fabiano. Não se trata também do regionalismo no qual o autor estabelece uma distância simplista entre o narrador letrado e o sertanejo iletrado, nem existe ali um narrador oral como é o caso de Riobaldo. A dificuldade na análise da obra de Francisco Dantas está justamente em achar o tom do regional em sua obra, haja vista a relação de aproximação/afastamento que seus narradores demonstram em relação à cultura regional. Seus sertanejos, talvez com exceção do Mané Piaba de *Cartilha do Silêncio*, são sempre sujeitos com

veleidades literárias e nunca estão inseridos na comunidade, pois se sentem superiores aos moradores locais. Se há nos textos de Dantas uma tensão entre o elemento regional e o universal, ela certamente se mostra na constituição desses narradores ambivalentes e até mesmo na posição do próprio escritor que, desejando retratar sua região, acaba por negar aspectos de sua cultura, preterindo-os em função de valores externos.

O desencanto também parece ser o eixo condutor em *Os Desvalidos*. Ao contrário de *Coivara da Memória*, este romance traz vários narradores. Entretanto, a rigidez das desgraças do mundo representado faz com que, embora se diversifique o foco, os retratos criados sejam muito parecidos. O primeiro narrador, Coriolano, é a figura central desta história de anulação. Trata-se de um personagem que surpreende pelo empreendedorismo, uma vez que sua história de vida mostra as muitas tentativas que fez para estabelecer-se. Assim como o narrador-tabelião do primeiro romance, ele também é um homem estudado:

Moleque inteligente! Só não gostava de conta de tabuada. Com seis meses de cartilha, já adiantadinho, dava na ponta da língua lições de catecismo, e lia com gosto a Seleta clássica. Daí pra diante, embrenhou-se no Lunário Perpétuo, na História sagrada, e desembrenhou-se a devorar a estante do tio, mormente o cancionero de Romano da Mãe d'Água, Inácio da Catingueira, Fabião das Queimadas. (DANTAS, 1993, p. 26)

Com facilidade para aprender, o tio ensina a ele os segredos da manipulação de fórmulas, e passa a exercer o ofício quando o tio lhe deixa uma pequena botica como herança. Assim, Coriolano começa a vida endireitado, tendo um futuro garantido. Entretanto, o negócio acaba falindo por conta da “canadas de remédio de bula e de caixinha que passaram a ser procuradas com teimosia e muita fé, na miúda farmacinha de um par de portas que lhe fazia despique plantada na outra esquina, e que no ano seguinte já se ampliaria.” (OSD, p. 28)<sup>3</sup> Este é o primeiro golpe que este narrador sofrerá com a vinda da modernização para o interior, visto que não terá condições de competir com os medicamentos industrializados e teimosamente se negará a vendê-los em sua botica. Mas Coriolano não se dá por vencido. Ainda jovem e cheio de vitalidade, logo encontra outro ofício rendoso, passando então a fabricar bombons de mel, negócio que “já nasceu de vento em popa!” (OSD, p. 29). Porém, mais uma vez ele perde a freguesia para outro negociante. Desta vez foi para o Robertão, protegido de um

---

3 A partir daqui as citações retiradas do romance *Os desvalidos* serão sinalizadas pela sigla OSD, seguida do número de página. As citações referem-se à edição de 1993.

coronel, que passou a oferecer grandes tijolos de rapadura para a população, ganhando fregueses pela quantidade da mercadoria e pelo preço mais acessível. Ainda por cima, Coriolano se vê crivado de impostos a pagar: “Todo santo dia vinha taxa, vinha multa! O que era de fazer um sujeitinho franzino e sozinho, contra as costas largas do Robertão? Pronto! A sua sorte já estava cancelada! O resto, o fiado comeu.” (OSD, p. 30) Desta vez o moço sente duramente o golpe. O desejo de vencer na vida com trabalho honesto parece cada vez mais distante. Diminuído, ele se oferece então para aprendiz do mestre seleiro Isaías. O novo trabalho rende a ele pouco dinheiro e a certeza de que havia descido de posição. Mesmo assim se estabelece na praça e arranja encomendas. Mas novamente se vê frente a frente com o fracasso: vinda de Jequié, invade a cidade um pessoal trazendo selas e mantas vindas de fábrica, com modelos e cores chamativas que deslumbram a população e tornam obsoleto o trabalho exercido pelo seleiro. Coriolano se vê obrigado a deixar a cidade e ganhar o mundo como mestre remendão, oferecendo seus serviços aqui e ali, vivendo de seu parco rendimento e da caridade alheia. Trata-se de um personagem cuja condição social indigente advém das mudanças que a industrialização causou nas pequenas localidades do interior. Os ofícios exercidos por Coriolano, artesanais, se extinguíram em confronto com a produção industrial e relegaram muitos sujeitos à miséria.

O mundo que Coriolano nos oferece é, pois, hostil: “É, a vida quebra a gente, amolece a moleira, e enverga até o pensamento!” (OSD, p. 50) Sua condição miserável contamina seu olhar sobre a cidade e as pessoas:

Mas a cidade veio lhe parecendo encardida e despovoada, com uns porcos magros e chafurdar na pasmaceira melada de alguma lama, como se o tempo parado segurasse os braços para trás. Viu até gente, que antes passava por grã-fina, andar de enfiada com a miudeza, passando arriada de vergonha, de enxada ou estrovenga no ombro. (OSD, p. 51)

A miséria não escolhe suas vítimas. Todos estão à sua mercê e isso agrada ao seleiro, “uma vez que, perdida no meio das outras, a sua indigência escorrega despercebida.” (OSD, p. 52) Desta forma, o destino dos demais personagens se aproxima do de Coriolano. Este, cansado de correr mundo, resolve retornar à estalagem construída por seu pai, a qual ele abandonara ainda meninote, em busca de um futuro menos limitado. É na estalagem que, depois de muito tempo, Coriolano consegue se estabelecer e ser respeitado. Vejamos: em todos os ofícios exercidos por ele, Coriolano

sempre mostrou dedicação e competência. Na função de estalajadeiro ocorrerá o mesmo. A princípio, o leitor que a essas alturas já se compadece da situação do personagem, acredita que enfim ele encontrou seu lugar. Juntamente com o amigo Zerramo e com o vaqueiro Filipe, Coriolano tem ali alguns meses de felicidade e abundância. Mas sua tranquilidade é passageira. Desta vez, no entanto, o inimigo a ser enfrentado é outro: o cangaço. A presença da trupe de Virgulino nas redondezas espanta os hóspedes da estalagem. Por fim, o cangaceiro invade a propriedade e acaba por matar Zerramo, enquanto Coriolano consegue escapar, deixando para trás a última oportunidade de levar uma vida menos miserável. Mas não é somente o cangaço a espalhar o terror na região: “E ainda de sobra tem a força do governo de tal modo espalhando o medo e o terror...” (OSD, p. 134) São as tropas do governo que executarão outra desvalida: Maria Melona. Por meio desta personagem, o escritor desmascara a condição da mulher naqueles ermos, destinadas ao casamento ou à desonra. A cena da execução de Maria é um dos pontos culminantes na narrativa:

Arrebatado do punhal de Lampião pelo amor de Maria Melona, no dia seguinte, já em terras da Bahia, Filipe caiu na mão da força volante, que o amarrou a nó-de-porco a dois passos da mulher desarvorada, que a gritos, coices e dentadas, serviu de pasto a todo um batalhão, estuprada ante seus olhos vidrados, para depois ser retalhada a facadas, oferecida de bandeja aos urubus. Logo ela, a criatura mais direita e mais honrada deste mundo! (OSD, p. 216)

A morte de Maria ocasiona a loucura de Filipe, outro personagem cujo destino é a total anulação:

No corrente do tempo, só mesmo vendo no corpo de formigueiro tanta chaga e tanto estrago, é que se avalia o que passou. Onde terá perdido os dentes, a realeza, o viço da face aguda e a pele branca lavada – que virou esta feição assim furrabienta de barriga de tatu? /.../ Assim abestalhado, de tutano amolecido na cachola, parece ter perdido o faro para as reações mais rudimentares e sinaladoras do rebanho humano. (OSD, p. 217-218)

Diante desta cena, “Coriolano abre o peito, e na vista de todo mundo se desata a chorar” (OSD, p. 219), também ele vítima do mesmo desvalimento. A sina dos heróis termina com Filipe convertendo-se no último sobrevivente do grupo. Seu destino: o desvario, a destruição de sua condição humana.

Como observou a professora Marta Costa, em *Os Desvalidos*: “A engrenagem da injustiça, da violência, do medo, da pobreza e da desumanização tritura os desprotegidos, reservando apenas aos coronéis /.../, ao governo e à “firma graúda” as

gostosas da vida.” De modo que, no romance, o “desequilíbrio social é a mola mestra do banditismo e do desamparo...” (COSTA, 1994, P. 28).

Contribuindo para tornar ainda mais contundente a condição dramática dos personagens, está a certeza da inevitabilidade dos fatos. Em muitos momentos, Coriolano compartilha com o leitor seu desencantamento diante da vida agreste: “Vivera torturas mais do que o comum dos homens, padecera mais que Jesus Cristo! O que tinha de gente e terra, perdera tudo na força do trabuco. Está esvaziado...” (OSD, p. 20). Suas derrotas causam nele a “sensação de que a vida se reduz a titica de galinha” (OSD, p. 19), embora o seleiro perceba que não é o único a sofrer naquela terra, uma vez que o desvalimento parece ser a sina de toda a gente: “É a sina que iguala todos nós, conforme o quilate de cada um: ou a morte, que nem aconteceu com o compadre Zerramo, ou senão a fome e o rebaixamento.” (OSD, p. 86)

Percebemos, ao analisar a cosmovisão dos narradores dos dois romances iniciais de Francisco Dantas, que ambos compartilham da condição dramática do nordestino, citada pelo escritor em suas declarações. Os personagens se assemelham ao escritor no que diz respeito ao valor que dão à leitura e à instrução, embora tais conhecimentos, capazes de alçar esses sujeitos a uma categoria diferente dos demais habitantes da região, não tenha garantido a eles condições de vida mais dignas. A negação dos valores populares também é algo compartilhado entre o escritor e seus personagens e representa um dos grandes paradoxos dentro da ficção do autor: como afirmar que a escrita de Dantas é uma transposição artística de suas raízes sem levar em conta o distanciamento que sua postura acarreta em relação à região?

O que podemos afirmar é que o posicionamento do escritor, bem como de seus narradores, nos leva a conceber a regionalidade na obra de Francisco Dantas como a representação de uma região que oscila entre os valores tradicionais do passado e os valores da sociedade moderna. Dessa forma, o regionalismo de Dantas explicita as modificações que o espaço e a cultura regional têm sofrido com o impacto da modernização, mas nem por isso deixa de ser uma forma de resistência à homogeneização cultural promovida pela globalização, graças ao seu esforço em traduzir em literatura os problemas de sua região.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Maria Luiza Oliveira. Intertextos e cultura sergipana em “Coivara da

- Memória”, de Francisco Dantas. *Interdisciplinar*, Sergipe, v. 7, n.º. 7, Jul/Dez 2008. Disponível em:  
<[http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_7/INTER7\\_Pg\\_183\\_193.pdf](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_7/INTER7_Pg_183_193.pdf)> Acesso em 11 set. 2010.
- ARAÚJO, Felipe. Espinhento e Escaldado. *O Povo*, Fortaleza, suplemento Sábado, 19/04/1997.
- CHIOSSI, Eliana Mara de Freitas. Coivara da memória: releitura e reescritura da regionalidade. *Revista Antares*, n.º 3, Jan/jun 2010. Disponível em:  
<<http://www.ucs.br/ucs/tplRevistaLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/3/sumario/coivara.pdf>> Acesso em 03 out. 2010.
- COSTA, Marta Morais da. O destino desenha a desumanização em “Os desvalidos”. *Revista Letras*. Curitiba (UFPR), v. 43, p. 25-34, jan-dez 1994.
- DANTAS, Francisco J. C. *Coivara da memória*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Os Desvalidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. Reservo as melhores horas para a minha escrita. *O Galo*, Natal, p. 15-21, out. 2009.
- LAFETÁ, João Luiz. Coivara da Memória. In: *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2004. (Org. Antônio Arnoni Prado)
- OLIVEIRA, Izabel Cristina da Costa Bezerra. *O moderno em duas perspectivas regionalistas: uma análise de O Quinze e Os Desvalidos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2001.
- PIRES, Antônio Donizeti. Coivaras, palimpsestos e novas lavouras. *Terra Roxa e outras terras*. Vol. 5, p. 62-76, 2005.
- SACRAMENTO, Adriana Rodrigues. *À sombra de uma barriguda: memória e experiência em Coivara da Memória*, de Francisco J. C. Dantas. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.